

"Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual, capaz de tornar-se, com o tempo, além de centro de governo e administração, foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país"

Lucio Costa,
no Relatório do Plano Piloto de Brasília.

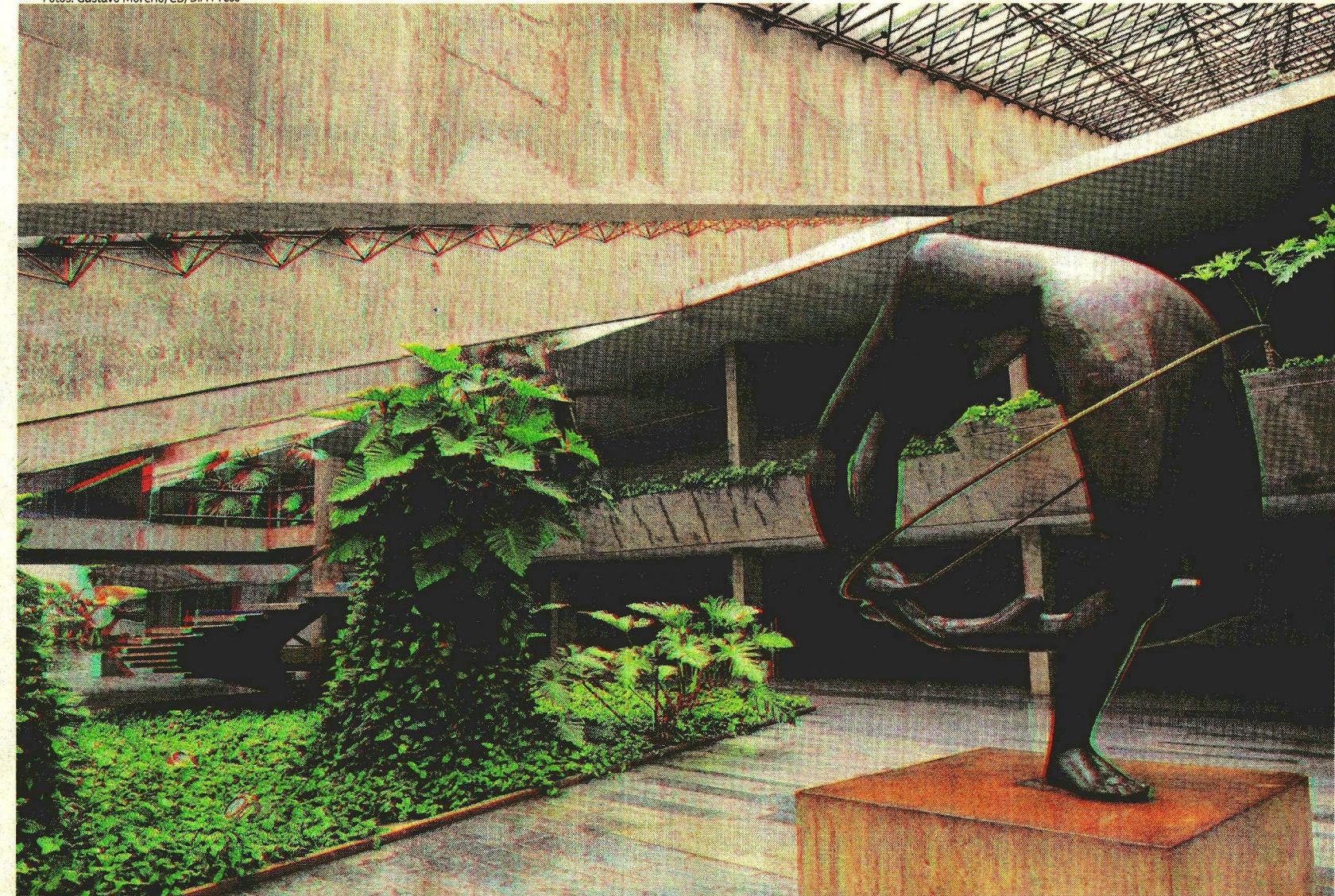
O teatro em cena

Oamazonense Claudio Santoro tinha dom para música. Com ouvido apurado e rigor nas notas das partituras, ficou conhecido por brilhantes regências de orquestras. Escolheu Brasília como cenário de seu trabalho e o Teatro Nacional como palco onde regeu importantes obras durante 10 anos e criou duas sinfonias. Imagina-se que a paixão do artista pelo lugar tenha sido tanta que, mesmo depois da morte por infarto, em 27 de março de 1989, ele continuaria vagueando pelas salas escuras do espaço. Nas madrugadas, enquanto a cidade dorme, ainda é possível ouvir o piano tocar, dizem.

Os boatos dos corredores dão conta de que Santoro não estaria sozinho. Até a década de 1990, o fantasma de uma bailarina vestida de branco passeava no segundo subsolo do teatro e, misteriosamente, fazia o elevador sempre parar neste andar. Para compor o grupo assombroso, dois espíritos também podem estar por lá. Os tenebrosos porões fizeram duas vítimas. Um funcionário que se acidentou em um buraco e um jovem que entrou pelos fundos do palco — para assistir a um show sem pagar — e caiu em um poço profundo. São muitas histórias para instigar o imaginário dos visitantes, mas hoje estão desacreditadas.

Antes de ser inspiração para lendas e mitos, o

Fotos: Gustavo Moreno/CB/D.A Press



AO REDOR

3,391 mil

Peças de concreto em diferentes tamanhos estão fixadas nas laterais do teatro

teatro é uma das expressões arquitetônicas mais significativas da capital. O formato de pirâmide sem ápice, pensado por Niemeyer, e os detalhes de Athos Bulcão apresentados nos 3.391 mil relevos em forma de paralelepípedos das fachadas laterais dão forma única ao monumento. Para unir arte e arquitetura, o artista plástico Burle Marx também contribuiu com a obra ao projetar os jardins internos. A cobertura é feita com 3.608 vidros fumê montados sobre esquadrias de ferro. Ao todo, ocupa uma área de 53 mil m² e tem 45m de altura, do poço à cobertura, o equivalente a um prédio de 15 andares.

Além da visão de fora, o interior também encanta. Para compor o vão central, sensualidade, poesia e música estão traduzidas na obra *A contorcionista*,

de Alfredo Ceschiatti. A escultura em bronze não polido, de 1,80m, foi instalada no teatro em 1980. Mariane Peretti também deixa uma marca no espaço com *O pássaro*, em bronze polido, de 1,80m com 804kg. As peças recepcionam o público na entrada das salas de espetáculo, que levam o nome de Martins Pena, Villa-Lobos e Alberto Nepomuceno.

A Martins Pena foi a primeira a receber público, em 7 de março de 1979. O palco italiano com tablado de madeira ipê e cedro de 235m² pode ser visto por 437 pessoas. Enquanto isso, a sala Villa-Lobos — ainda em construção — abrigava concursos de miss, missas do galo, torneio de basquete e até baile de carnaval. Capaz de acomodar 1.307 mil pessoas, o maior espaço do teatro só foi inaugurado dois anos depois, com o primeiro concerto da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional. Outra opção mais aconchegante para 95 pessoas é a sala Alberto Nepomuceno, construída a partir de um pequeno vão que sobrou do projeto inicial.

O teatro passou a se chamar Teatro Nacional Claudio Santoro em 1º de setembro de 1989, pela Lei nº 378, em homenagem ao maestro e compositor que incentivou a educação e cultura em Brasília e, segundo as lendas, ainda pode estar pelas redondezas do espaço.

Athos Bulcão

Atuam no tenro espaço
Teatros praças palácios
Hipostilos coruchéus
Observo a beleza dos traços
Seguidos de formas no céu
Barro vermelho miragens
Urge que surgem imagens
Levitante sol paisagens
Concretam mistérios segredos
Átomos eternos de Athos
Olhar de amar armando brinquedos

Renato Matos,
cantor e compositor pioneiro de Brasília.